Evento:XXX Jornada de Pesquisa

MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NA ECOPEDAGOGIA: O DESENHO COMO EXPRESSÃO, INVESTIGAÇÃO E PRÁXIS DOCENTE[1]

Fabiana Dieli Cassol[2], Adalberto Freire da Silva[3]

[1] Relato de Experiência a partir de um Projeto de formação continuada realizado com educadoras de uma escola urbana da Rede Pública Municipal de Ijuí, RS.

[2] Pós-graduada em Coordenação Pedagógica e em Orientação Educacional, Professora e Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Ijuí; Supervisora Educacional da Rede Estadual do Rio Grande do Sul.

[3]Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. Bolsista da CAPES. Mestre em Educação nas Ciências Licenciado pela UNIJUÍ. Especialista em Orientação e Supervisão escolar. Licenciado em Química pela UNIJUÍ, Pedagogo. Professor da Educação Básica.

INTRODUÇÃO

A infância é um período marcado por descobertas, experimentações e interações que contribuem para a formação integral da criança. No cotidiano da Educação Infantil, o brincar e o convívio entre elas estimula o pensamento, o movimento e a imaginação, possibilitando a construção de formas singulares de expressão e de compreensão do mundo.

Reconhecer a criança como protagonista implica compreendê-la como sujeito ativo, curioso e criador de saberes a partir das experiências vivenciadas. Sustentada pela concepção de Vygotsky (2007), a aprendizagem acontece nas interações sociais, e o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (1998) destaca a importância de proporcionar vivências significativas que respeitem esse protagonismo.

Nessa perspectiva, Malaguzzi (2016) apresenta a ideia das “cem linguagens da criança”, convidando-nos a enxergar cada gesto, traço e narrativa como expressão carregada de significados. Entre essas linguagens, o desenho se revela um instrumento privilegiado, capaz de expressar afetos, narrativas e investigações, embora ainda seja muitas vezes reduzido a uma atividade estética ou decorativa.

O presente trabalho apresenta uma experiência formativa realizada em uma escola urbana da Rede Municipal de Ijuí/RS, com foco no desenho como linguagem da infância e na ecopedagogia como perspectiva crítica. Em diálogo com a BNCC (2018), o Referencial Curricular Municipal (2020) e os ODS da Agenda 2030, especialmente o ODS 4 e o ODS 16, buscou-se que as educadoras ressignificassem suas práticas docentes, fortalecendo processos de escuta, respeito em uma perspectiva ética, estética e socioambiental.

METODOLOGIA

A experiência desenvolvida com as educadoras da Educação Infantil foi conduzida a partir de uma abordagem de pesquisa-ação (pesquisação), entendida como uma metodologia que busca integrar investigação e prática, transformando a realidade ao mesmo tempo em que a estuda. Essa perspectiva foi amplamente difundida e aprofundada por Michel Thiollent (2011), que a compreende como uma forma de pesquisa social com base empírica, realizada em estreita associação com uma ação coletiva ou com a resolução de um problema, no qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Assim, a formação intitulada *"Linguagem do desenho no contexto das infâncias"* foi planejada e executada em um movimento contínuo de diálogo, reflexão e prática. Como ponto de partida, as educadoras foram convidadas a participar de um processo de escuta sensível, já antecipado pelo convite confeccionado pelas próprias crianças em tecido, utilizando canetas permanentes, o que simbolicamente trouxe a linguagem do desenho para o centro da experiência desde o início. A partir disso, foi proposta a leitura de obras como *As Cores de Corina* (Campos, 2014) e *Territórios da Invenção* (Barbieri, 2021), que serviram de motivadores para reflexões coletivas sobre a diversidade de formas de expressão e a importância da escuta das singularidades da infância.

No decorrer da formação, realizou-se uma roda de conversa com perguntas norteadoras, cujo objetivo foi identificar concepções, práticas e intencionalidades das educadoras em relação ao desenho. Esse momento de escuta crítica constituiu um espaço fundamental para que as participantes pudessem revisitar suas práticas pedagógicas, repensando o papel do desenho não como atividade secundária, mas como linguagem expressiva, narrativa e investigativa.

Posteriormente, desenvolveram-se vivências práticas em que as educadoras experimentaram diferentes riscantes e suportes, como o carvão em papel pardo, tintas naturais em folhas secas, giz pastel em papelão suspenso, caneta permanente em tecido, entre outros. Essas práticas permitiram ampliar o repertório criativo e sensível das educadoras, ao mesmo tempo em que fomentaram reflexões sobre o uso de materiais sustentáveis e alternativos, estabelecendo conexões diretas com a ecopedagogia e os princípios da educação crítica.

Ao longo do processo, a pesquisa-ação revelou sua força ao possibilitar a construção coletiva de conhecimento, unindo teoria e prática em um movimento contínuo de ação-reflexão-

ação. A formação não foi apenas uma intervenção pontual, mas constituiu-se em espaço formativo no qual as educadoras participaram ativamente como protagonistas de seu próprio desenvolvimento profissional, dialogando com a teoria e ressignificando suas práticas pedagógicas cotidianas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação possibilitou às educadoras superar a visão tradicional do desenho como simples atividade estética ou decorativa, frequentemente associada ao preenchimento de contornos pré-definidos ou à busca por resultados “bonitos” e “aceitáveis” aos olhos do adulto. Essa ruptura permitiu compreender que o ato de desenhar vai muito além da estética: constitui-se como narrativa – porque conta histórias singulares de vida e experiências; como registro – pois documenta trajetórias de aprendizagem, emoções e percepções do mundo; e como pesquisa – ao expressar hipóteses, descobertas e investigações que a criança realiza em sua interação com o ambiente. Nesse sentido, cada traço, cor ou forma passou a ser interpretado como manifestação do pensamento e compreensão de vida, não como produto final.

Na prática, isso significou perceber que o desenho infantil revela processos cognitivos e afetivos em constante diálogo. Quando uma criança desenha sua casa, sua família ou um elemento da natureza, ela não apenas reproduz imagens, mas constrói significados, reelabora memórias e projeta desejos. As educadoras compreenderam, assim, que observar o desenho é observar o pensamento em ação, e que cabe ao educador escutar com o olhar, acolher essas produções e valorizá-las como fonte de conhecimento. Essa compreensão também ressignificou o papel do educador: de transmissor e avaliador estético para mediador e pesquisador de sentidos. As educadoras passaram a registrar os desenhos como documentos pedagógicos que revelam as múltiplas formas de ser e de aprender, construindo um repertório mais consistente para o planejamento e a intervenção pedagógica.

O diálogo com a ecopedagogia ampliou esse horizonte, ao relacionar as linguagens infantis com os desafios socioambientais enfrentados no cotidiano escolar. Ao propor o uso de suportes alternativos e materiais recicláveis, por exemplo, não apenas se ampliaram as possibilidades expressivas, mas também se reforçou uma prática pedagógica comprometida com a sustentabilidade. Essa postura aproximou as educadoras da perspectiva defendida por Gadotti (2000), para quem a ecopedagogia é um projeto ético-político de educação voltado para

a cidadania planetária. Nesse sentido, as educadoras concluíram que é possível analisar os desenhos das crianças também como reconstruções da relação delas com a natureza, identificando nas produções representações de rios, árvores, animais, casas e ruas, que podem revelar tanto o vínculo afetivo quanto as tensões sociais e ambientais vivenciadas pelas crianças. A partir do momento que as educadoras analisam os desenhos das crianças em uma perspectiva ecopedagógica as mesmas percebem que há a possibilidade de problematizar questões como o cuidado com a água, a preservação das árvores ou os impactos do lixo no entorno da escola, tornando o desenho um território de diálogo crítico.

As múltiplas linguagens, quando integradas à ecopedagogia, revelaram seu potencial para construir uma consciência socioambiental. Como destaca Sauvé (2005), a educação ambiental crítica deve ser entendida como um processo de construção cultural, capaz de transformar práticas e valores. Nessa perspectiva, o desenho se tornou instrumento não apenas de expressão individual, mas também de engajamento coletivo, capaz de mobilizar as educadoras para refletirem sobre sua práxis escolar.

Concluímos, portanto, que a formação docente, ao confrontar teoria e prática, promoveu uma integração criativa entre as concepções de múltiplas linguagens e os princípios da ecopedagogia. Na prática, as educadoras vivenciaram como o desenho pode ser expressão, registro investigativo e práxis crítica, reafirmando que a educação infantil é também espaço privilegiado para a construção de cidadania planetária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência formativa evidenciou que a valorização das múltiplas linguagens na educação infantil, em especial o desenho, é um caminho importante para integrar sensibilidade, criatividade e responsabilidade socioambiental. Quando articulada à ecopedagogia, essa perspectiva amplia o sentido pedagógico das expressões infantis, conectando-as às demandas planetárias. Do ponto de vista teórico, essa articulação se sustenta na visão freiriana de educação como prática de liberdade, no entendimento vygotskiano de que o desenvolvimento ocorre nas interações sociais e no pensamento de Malaguzzi sobre as “cem linguagens”. Assim foi possível que as educadoras reconhecessem a criança como sujeito ativo e criador de sentidos.

Na prática, essa síntese promoveu um espaço formativo em que teoria e ação se encontraram, levando as educadoras a ressignificar o desenho como processo educativo,

investigativo e crítico, e não apenas como produto final. Assim, promover formações interdisciplinares que unam as múltiplas linguagens, pedagogia e ecopedagogia é apostar em uma educação comprometida com a vida, a sustentabilidade e a cidadania planetária, onde cada expressão da criança pode se afirmar como gesto de resistência, esperança e transformação do mundo.

Palavras-chave: Desenho. Linguagens da infância. Formação docente. Sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Stela. *Territórios da invenção: ateliê em movimento*. São Paulo: Jujuba Editora; Binåh Espaço de Artes, 2021.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

CAMPOS, Carmen Lucia. *As cores de Corina*. São Paulo: Brinque-Book, 2014.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MALAGUZZI, Loris. *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Penso, 2016.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Orgs.). *Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-46.

SILVA, Adalberto Freire da. *Ecopedagogia em transformação: reflexões sobre uma década de debate e desenvolvimento*. Ijuí: Unijuí, 2020.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.